



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

HOMENS LIVRES. LIVRES DA FINANÇA & DOS PARTIDOS¹ – Foi órgão de um *movimento* de intervenção política que surgiu no início de Dezembro de 1923, na sequência da campanha lançada pela revista *Seara Nova*, no mês de Março anterior, com a publicação do «Apelo à Nação». Aí era defendida a «urgência extrema de se começar a obra de reorganização nacional», sob a orientação de um «Governo Nacional», que pudesse beneficiar ou usufruir «de todas as condições especiais para que lhe seja possível, sem os embaraços práticos achados pelos ministérios comuns, não só lançar as bases de toda a reorganização indispensável, mas também conseguir que nela cooperem leal e pacificamente – (...) – todos os portugueses, sejam quais forem as suas ideias políticas, religiosas e sociais». Simultaneamente, publicaram uma proposta de «programa de governação extraordinária», cuja execução devia ser entregue a um «ministério nacional» de iniciativa presidencial, ideia que traz inevitavelmente à memória a experiência governativa protagonizada por Sidónio de Pais (1917-18). Os subscritores do *Apelo* apareciam identificados pelo nome próprio e profissão e foi deixado desafio ao público para aderir ‘formalmente’ ao programa, comunicando essa vontade ao «Sr. Mário de Castro», facultando para isso o respetivo endereço.²

O jornal *Homens Livres* estava sediado em Lisboa e indicava como endereço a Rua Victor Cordon, 7, sobreloja. A impressão era assegurada pela Tipografia Comercio, na Rua Oliveira, ao Carmo, 8.³ Não chegou a definir a sua periodicidade.

É uma publicação de formato médio, só com texto, que se distribui por duas colunas; o primeiro número apresenta 12 páginas e o segundo 16.

O nome adotado pelo movimento – sugestivamente provocatório e ambíguo para despertar a atenção de um público alargado – bem como a sua natureza reativa e suprapartidária constituem *per si* indicadores da instabilidade política e da conflitualidade social que o país enfrentava, e também do descrédito que atingira a política, os seus agentes e o próprio regime democrático que parecia ser incapaz de gerar o ambiente político propício à «reorganização nacional» ou à «salvação de Portugal!», pretendida pela *Seara Nova*.

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/homenslivres/homenslivres.htm>

² Conf. *Seara Nova* n.º 21, de Março, de 1923, pp. 129-135. Refira-se ainda que a questão do «Governo Nacional», do seu programa e a organização da uma ampla base de apoio para o apoiar, uma «União Cívica», continuou a ser desenvolvida nas edições seguintes da *Seara Nova*. Outro dado que merece referência é a recomposição e redução do seu «Corpo Directivo» ocorrida no mês seguinte à iniciativa do *Apelo*, em Abril de 1923: entrou António Sérgio; saíram Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Ferreira de Macedo, José de Azevedo Perdição e Raúl Brandão.

³ Conf. n.º 1, p. 12.

A *hora das ditaduras* foi uma ideia que foi ganhando uma crescente visibilidade e receptividade, sob influência das notícias que chegavam da Alemanha, da Itália, da Rússia e de outras nações; e tornou-se tema de conversa nos cafés, de reflexão e debate em reuniões à porta fechada, de discursos em conferências e comícios. Os regimes fortes, ditatoriais, permanentes ou extraordinários, impunham-se ou ganhavam terreno como a melhor das soluções para conduzir a mudança, a renovação, a regeneração, enfim, para edificar algo de *novo* e desejado.

Aparentemente, foi nessa percepção salvífica do *novo* que se cimentou a união dos *Homens Livres*, uma coligação insólita, pois do ponto de vista da doutrina política constituíam um grupo muito heterogéneo, e por isso mesmo frágil, como o tempo impiedosa e rapidamente revelou.⁴ Não resistiu um mês. Publicaram apenas dois números: o primeiro, datado de 1 de Dezembro; o segundo e último, do dia 12.

Nesse período, verificou-se a queda do governo minoritário do Partido Nacional Republicano, liderado por Ginestal Machado, após a tentativa de golpe revolucionário de 10 de Dezembro. O golpe alimentou uma torrente de boatos contraditórios: houve quem o deitasse na conta conspirativa do próprio Governo, na do Presidente da República, na do Partido Democrático, e na dos “radicais” de esquerda e de direita. Sintomaticamente, o objetivo da conspiração era, invariavelmente, o mesmo: estabelecer uma ditadura.

Temos por certo que o golpe foi dominado; que o Chefe do Governo, Ginestal Machado, foi questionado no Parlamento sobre a forma como tinha lidado com a situação, particularmente se a esse pretexto pedira a dissolução da Assembleia dos Deputados ao Presidente da República, Teixeira Gomes. Em resultado deste conflito entre o poder executivo e o poder legislativo, o Partido Democrático retirou o seu apoio ao Governo e o Partido Nacionalista conheceu uma cisão, liderada pelo seu deputado Álvaro de Castro. Este, por sua vez, apresentou na Assembleia uma moção de confiança, que acabou por rejeitar. Sem apoio parlamentar, a Ginestal Machado não restava outra saída se não a de apresentar a sua demissão.

A 18 de Dezembro, após infindáveis reuniões entre o Presidente Teixeira Gomes e os líderes partidários com assento no Parlamento, Álvaro de Castro, que, entretanto, constituíra com os que o seguiram o Grupo Parlamentar de Acção Republicana, foi chamado a formar um governo de concertação.

DIRIGENTES E COLABORADORES

O movimento e o jornal *Homens Livres* dificilmente são separáveis, pois o segundo foi expressão e corpo do primeiro. De qualquer forma, é do jornal que estamos a tratar.

⁴ João Medina, tendo por base testemunhos diretos e outras investigações, que coligiu na obra *O pelicano e a Seara*, conclui que o movimento Homens Livres teve origem, em 1923, no «grupo da Biblioteca», que juntava o diretor da Biblioteca Nacional, Jaime Cortesão, e outros funcionários superiores da instituição, como António Sérgio, com um grupo de intelectuais e artistas, como José de Figueiredo, Reinaldo dos Santos, António Arroio, Gualdino Gomes, Raul Proença, Raul Brandão, Francisco Lacerda, Vieira de Campos, Aquilino Ribeiro, Castelo Branco Chaves, entre outros.

Como já aqui foi referido, na produção do *Homens Livres* participaram muitos elementos do «grupo da Biblioteca», alguns dos quais eram e continuaram a ser dirigentes e colaboradores de duas revistas doutrinárias célebres e oponentes: a já referida *Seara Nova* (1921-1979), fundada por Raul Proença e dirigida por uma *elite intelectual* republicana, que partilhava valores democráticos e socialistas, e acalentava esperanças num progresso alicerçado na elevação do nível de instrução dos portugueses e na reforma das mentalidades; e a *Nação Portuguesa* (1914-1939), ressuscitada em 1922 (II série), por iniciativa de António Sardinha, como órgão do integralismo lusitano, que dava expressão ao nacionalismo católico de feição antidemocrática e antiliberal.⁵

O jornal *Homens Livres* teve por redator principal António Sérgio (1883-1969), pedagogo e ensaísta, presente no «grupo da Biblioteca» e a partir de Abril de 1923 membro do corpo diretivo da revista *Seara Nova*; por editor, Reynaldo dos Santos (1870-1970), médico-cirurgião, escritor e historiador de arte, também ele presente no «grupo da Biblioteca»; e por secretário-geral Augusto da Costa (1899-1954), romancista e jornalista, colaborador, em 1923, da revista integralista *Nação Portuguesa*.

A ficha técnica do segundo número apresenta alterações: o secretário-geral passou a ser Vieira de Campos, e era indicada nova morada, no Largo do Directório, 8, 3.º, em Lisboa.⁶

Em lugar de destaque, logo a seguir ao título, era apresentada a lista de colaboradores, ordenada alfabeticamente pelo nome próprio, que incluía novamente os já citados ‘funcionais’ (não os referimos agora). Dele ressaltam imediatamente uma série de nomes que ainda hoje reconhecíveis, pela importância da respectiva obra ou porque estão associados à História, às instituições, ou à toponímia da cidade. Portanto, uma *elite pensante, produtiva e ativa*, com créditos firmados no plano das letras, das artes, das ciências ou da doutrina política.

No primeiro número, constavam: Afonso Lopes Vieira (1876-1946), poeta e escritor, colaborador, em 1923; na revista *Nação Portuguesa*; Agostinho de Campos (1870-1944), professor, escritor e jornalista; Antonio Arroyo (1856-1934), crítico de arte, musical e literário, tradutor e conferencista, participante do «grupo da Biblioteca»; António Sardinha (1887-1925), pensador, escritor, jornalista, diretor da revista *Nação Portuguesa*; Aquilino Ribeiro (1885-1963) escritor, ensaísta, crítico literário, participante do «grupo da Biblioteca» e colaborador da *Seara*; Artur Castilho (1892-?); Augusto Casimiro (1889-1967), oficial do Exército, memorialista, poeta, ensaísta e tradutor, membro do corpo diretivo da *Seara* até Abril de 1923, e subscritor do «Apelo à Nação»; Aurélio Quintanilha (1892-1987?), cientista e professor universitário; Bourbon e Meneses (1890-1948), contista, ensaísta e jornalista, colaborador, em 1923, na *Seara* e subscritor do «Apelo à Nação»; Camara Reys (1885-1961), pedagogo, ficcionista, crítico literário e jornalista, membro, em 1923, do corpo diretivo

⁵ Ambas as publicações estão disponíveis na Hemeroteca Municipal de Lisboa, ainda que não integralmente.

⁶ Conf. n.º 2, p. 9. Sublinhe-se ainda que endereço era também da revista integralista *Nação Portuguesa*, cujos dirigentes e colaboradores tomam parte activa no movimento e jornal *Homens Livres*.

da *Seara*; Carlos Malheiro Dias (1875-1941), romancista, dramaturgo, ensaísta e jornalista, colaborador, em 1923, da *Nação Portuguesa*; Carlos Selvagem (pseudónimo de Carlos Tavares de Andrade Afonso dos Santos, 1890-1973), militar da arma de Cavalaria, escritor e jornalista, subscritor do «Apelo à Nação»; Castelo Branco Chaves (José Adjuto Castelo-Branco Chaves, 1900-1992?), ensaísta, crítico e tradutor, colaborador, em 1923, da *Nação Portuguesa*, e membro do «grupo da Biblioteca»; Celestino da Costa (1884-1956), médico e investigador; Ezequiel de Campos (1874-1965), engenheiro, economista e escritor, colaborador, em 1923, na *Seara*, e subscritor do «Apelo à Nação»; Faria de Vasconcelos (António de Sena Faria de Vasconcelos, 1880-1939?), professor e pedagogo, membro, em 1923, do corpo diretivo da *Seara*, e subscritor do «Apelo à Nação»; Ferreira de Macedo (António Augusto Ferreira de Macedo, 1887-1959), professor, pedagogo e funcionário superior da Biblioteca Nacional, integrou o corpo diretivo da *Seara* até à sua reformulação em Abril de 1923; Gualdino Gomes (1857-1948), bibliotecário, crítico literário e jornalista, colaborador da *Seara* e membro do «grupo da Biblioteca»; Hipólito Raposo (1885-1953), professor, advogado, jornalista e político, integralista; Jaime Cortesão (1884-1960), médico, escritor e escritor, diretor da Biblioteca Nacional, membro, em 1923, do corpo diretivo da *Seara* e subscritor do «Apelo à Nação»; José de Figueiredo (1872-1937), historiador e crítico de arte, primeiro diretor do Museu de Arte Antiga, membro do «grupo da Biblioteca»; Manuel da Silva Gayo (1960-1934), poeta e ensaísta; Marck Athias (1875-1946), médico e investigador na área das ciências biomédicas, fundador da Sociedade Portuguesa das Ciências Naturais e diretor do Instituto de Fisiologia; Pequito Rebelo (José Adriano Pequito Rebelo, 1892-1983), político e jornalista, integralista; Raúl Brandão (1867-1930), militar, escritor e jornalista, membro do corpo diretivo da *Seara* até Abril de 1923, membro do «grupo da Biblioteca» e subscritor do «Apelo à Nação»; Raul Lino (1879-1974), arquiteto, teorizador, escritor e jornalista, fundador da Academia Nacional de Belas Artes; Raúl Proença (1884-1941), bibliotecário, pensador, escritor, jornalista, membro do corpo diretivo da *Seara*; Reis Machado (Augusto Reis Machado, 1887-1966), professor, pedagogo, ensaísta, escritor e jornalista; Francisco Lacerda (1869-1934), maestro e compositor, do «grupo da Biblioteca»; Reynaldo dos Santos (1870-1970), médico-cirurgião, professor, escritor, historiador de arte, membro do «grupo da Biblioteca»; Sarmiento Pimentel (João Sarmiento Pimentel, 1888-1987), militar da arma de Cavalaria, político e escritor, colaborador da *Seara*, e mais tarde chefe de gabinete de Ezequiel de Campos no governo de Álvaro de Castro; Simões Raposo (Luís Robertes Simões Raposo, 1898-1934), médico, investigador da área de histologia, chefe de gabinete de António Sérgio, quando este assumiu a pasta da Instrução Pública no governo de Álvaro de Castro (Dezembro de 1923 a Julho de 1924); Vieira de Almeida (Francisco Lopes Vieira de Almeida, 1888-1962), professor universitário e escritor; Vieira de Campos (?), membro do «grupo da Biblioteca».

No segundo número, o grupo dos «Colaboradores» apresentava ligeiras alterações: saiu o integralista Hipólito Raposo; e passam a constar: o major Francisco Aragão, (Francisco Xavier da Cunha Aragão, 1891-1973), fundador da Liga dos Combatentes, subscritor do «Apelo à Nação»; António Alves Martins; Bettencourt Rodrigues (António Maria Bettencourt, 1854-1933?); Jaime de Magalhães Lima (1859-1936); Justino Montalvão (1872-1949?), Quirino de Jesus (Quirino Avelino de Jesus, 1865-1935) e Paulo Merêa (Manuel Paulo Merêa, 1889-1977).

Importa ainda referir que nem todos os «colaboradores» contribuíram, de facto, para o conteúdo do *Homens Livres*. Na verdade, a maioria não chegou a publicar nada.⁷

PROGRAMA OU MISSÃO

Coube a António Sérgio, o «redactor principal», a tarefa de justificar, em primeira mão, a união dos *Homens Livres*: «Já escrevi algures que a grande linha divisória nestes nossos dias, não é a que separa as «direitas» das «esquerdas»; é, sim, a que distingue na sociedade uma *nova* orientação, a política *nova* (dando à palavra «política» o seu mais largo significado), do espírito *velho* e da política *velha*; os homens do século XX dos homens do século XIX; os vivos dos mortos.»

Não procurámos saber onde, quando e a quem esta tese fora apresentada. Possivelmente, nas reuniões do «grupo da Biblioteca» ou da *Seara Nova*, mas não investigámos. De qualquer maneira, António Sérgio assumiu-a como sua, ao afirmar naquele artigo ‘editorial’: «Quanto a mim, que isto escrevo (indispensável neste ponto limitar a responsabilidade)»; também não oferece dúvida de que aquela estranha união causou alguma perplexidade e ou mesmo rejeição, pois António Sérgio sentiu necessidade de reforçar os argumentos que a justificavam «para que os mal-entendidos se dissipem e não predominem sobre as verdadeiras as falsas separações, e sobre as profundas divergências as divergências superficiais.» O arrevesado discurso desenvolvido por António Sérgio parece dirigido, sobretudo, à falange seareira e apela ao seu pragmatismo. Na verdade, ele admite a incoerência, o absurdo daquela união, mas defende-a como solução ‘sem alternativa’ e justifica-a com uma evocação do pensamento de Goethe sobre a Razão e Inteligência: «Utilizar o que está morto para a vitalidade do que está vivo, – eis o papel da Inteligência; marcar ao que está vivo o ideal da sua vida, – eis o da Razão.»

Concluindo, naquele momento grave, os fins – a rutura com o passado-presente, refém «da Finança & dos Partidos» –, justificavam os meios – um governo, constituído por homens competentes e independentes, dotado de poderes excepcionais, para implementar um conjunto de reformas que pusessem o país sobre os ‘carris’ do desenvolvimento e do progresso social. A missão dos *Homens Livres* era difundir esta solução, apresentando-a como uma fatalidade, um sacrifício que devia ser realizado em nome «de uma Idea Nacional, de uma finalidade portuguesa, anterior e superior às finalidades partidárias.»⁸

A ala integralista justificou-se através de Augusto da Costa, o «SECRETARIO GERAL», autor do artigo «A crise Portuguesa e a Reacção dos Homens Livres», no qual procurou desacreditar o sistema democrático, apontando as deficiências ‘congénitas’ de que enfermava e que se revelavam na «nossa anarquia», na

⁷ Além de António Sérgio e Augusto da Costa, que publicaram nos dois números, apenas aparecem textos de: Afonso Lopes Vieira (n.º 1), António Sardinha (n.º 2), Aquilino Ribeiro (n.º 1), A. Celestino da Costa (n.º 2), Dr. Bettencourt Rodrigues (n.º 2), Castelo Branco Chaves (n.º 2), Ezequiel de Campos (n.º 2), Jaime Cortesão (n.º 1), Quirino de Jesus (n.º 2), Raúl Proença (n.º 1), Reynaldo dos Santos (n.º 1) e Simões Raposo (n.º 1); também foi publicado um artigo de um ‘não colaborador’, Oliveira Martins (n.º 1).]

⁸ Conf. «Vivos e mortos», n.º 1, pp. 1-2.

«ausência de um ideal colectivo», na «corrupção dos partidos e dos políticos, na «Plutocracia» e muitos outros sinais de decadência, que se não fosse travada conduziriam à morte. A chave do problema estava nas elites e não nas maiorias, facilmente manipuláveis: «A preocupação dos homens livres, de todos os homens livres que conosco pretendam trabalhar, deve ser exclusivamente a de reorganizarem a Nação *verticalmente* e não *horizontalmente*. Quer dizer: a nossa propaganda deve ser feita toda no sentido de reformar primeiro as elites, os «homens bons» e os «homens livres», dando finalidade e coerência aos seus esforços, e por aí, depois, caminharmos com passos mais seguros para a conquista das massas.» Concluindo, era preciso mobilizar os *homens bons* e *livres* e «convencê-los de que não estamos na *direita* nem na *esquerda* de qualquer exército; devemos estar à cabeça, agindo e dirigindo.»⁹

Não fizemos o levantamento exaustivo das notícias geradas em torno do Homens Livres. Mas encontrámos algumas. Por exemplo, O *Diário de Lisboa*, de dia 5/12/1923, publicou uma entrevista feita a António Sérgio sobre o projeto editorial dos *Homens Livres*. O jornalista queria saber como fora possível aquela união entre seareiros, integralistas, monárquicos e libertários: «não bulham todos uns com os outros?»; como é que António Sérgio defina os Homens Livres?: «... é um certo órgão em que uns e outros, unindo os seus esforços, defenderão as ideias que pertencem a todos os grupos, ideias comuns, com exclusão daquelas que divergem. Estas continuarão a ser tratadas nas revistas respectivas de cada grupo, na *Seara Nova* e na *Nação Portuguesa*.»¹⁰ O diário *A Época*, na sua edição de 4/12/1923, referiu-os na rubrica «Publicações Recebidas»: «Recebemos o nº 1 d'uma nova publicação periódica (semanário, quinzenário, mensário? Não há sobre a sua periodicidade indicação alguma), colaborada por um grupo de homens de letras respeitáveis, porque são todos homens livres de influencias da pecunia e dos negócios – gente limpa e sem compromissos de má tenção -, mas de ideias singularmente dispares e antagónicas: integralistas, nacionalistas, monarchicos, republicanos, libertários ou quasi – dão-se as mãos para dizerem da sua justiça com liberdade e isenção, embora sem concordia e uniformidade de vistas difíceis de obter com pessoas de tão diverso parecer e mentalidade.» E conclui, com o rol dos colaboradores.¹¹ Também o monárquico Rocha Martins, nos *Fantoches*, dedicou algumas páginas à análise do *Homens Livres* – pecou (ou não) por tardia, pois a união já se deslaçara –, que encerrou com uma saudação cordial, mas manteve as distâncias: «Homens Livres! Li que alguns dos que assim se intitulam surgem no combate, armados como para uma revista e com sentimentos nobres, segurando uma bandeira, onde esta o seu lema contra as plutocracias. São mais soldados. Da minha trincheira os saúdo tanto quanto se pode alargar um simpático gesto numa sociedade em que o homem é cada vez menos livre.»¹² Curiosamente, nem a *Seara Nova*, nem a *Nação Portuguesa*, se referiram explicitamente ao *filho* comum.

⁹ Conf. «A crise portuguesa e a reação dos Homens Livres», n.º 1, pp. 8-10.

¹⁰ Conf. «Homens Livres ou a nova falange política. António Sérgio fala das ideias reformadoras comuns a todos os campos.». Pode ser lido na cópia digital disponibilizada pela Casa Comum, em <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05741.005.01096#!5>.

¹¹ Conf. *A Época*, de 4/12/23, p. 2. Pode ser consultado na Hemeroteca Municipal de Lisboa.

¹² Conf. «Os “Homens Livres”», n.º 15, de 15/12/23, pp. 4-7. Pode ser lido na Hemeroteca Digital, em

UMA UNIÃO DESLAÇADA

O desentendimento e o fim dos *Homens dos Livres* foi ditado pelo ingresso de dois seareiros, António Sérgio e Azevedo Gomes, na equipa governativa de Álvaro de Castro (18/12/1923 -?), que sucedeu ao ministério de Ginestal Machado, líder do Partido Nacionalista (15/11/1923 – 14/12/1923). Essa participação vinha ao arrepio do compromisso assumido pelos seareiros de se manterem distantes da ação governativa direta, abstendo-se, portanto, de se organizarem como partido ou de participar em qualquer governo. O respeito por esse princípio estava na base do acordo tácito entre seareiros e *integralistas*, e fora reafirmado nas páginas dos *Homens Livres*. Portanto, a sua violação só podia ter como desfecho o fim do movimento e do seu jornal. Também abriu feridas na *Seara Nova* e na *Nação Portuguesa*, mas isso já é matéria para outras histórias.

Lisboa, 6/02/2018

Rita Correia

BIBLIOGRAFIA

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, 1978.

BAIÔA, Manuel - "A Primeira República Portuguesa (1910-1926): partidos e sistema político". *Arbor*, 190 (766): a114. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.3989/arbor.2014.766n2006> [Consult. 21/01/2018]

LOPO, Rui - «Sobre a Revista "Homens Livres". O que é a liberdade dos livres?» Texto apresentado no *Colóquio Proença, Cortesão, Sérgio e o Grupo Seara Nova*, 28-30 Outubro 2009, Lisboa. Disponível em:

<http://www.cpihts.com/PDF07/Sobre%20a%20revista%20%27Homens%20Livres%27.pdf>
[Consult. 21/01/2018]

MEDINA, João - *O Pelicano e a Seara: integralistas juntos na revista Homens Livres*. Lisboa : ed. António Ramos, 1978.

Periódicos (Dezembro de 1923)

Diário de Lisboa; A Batalha e o seu Suplemento Literário; A Capital; A Época; Fantoques; Nação Portuguesa; Rebate; Seara Nova